



Cartunista Vones Caitano reúne em livro tirinhas autorais publicadas na internet desde 2013. B5



Sábado 14/03/2015

“A POESIA É UM TURBILHÃO AGONIZANTE DA IMAGEM CAPTADA”

ARRIETE VILELA
ESPECIAL PARA A GAZETA

paraíso e a rede devem ser o presente, o agora.

Marcio Ferreira da Silva é doutor em Letras-Literatura Brasileira, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas-Ufal. É professor do curso de Letras do Campus Sertão, da Ufal. Prêmio de melhor ensaio no Prêmio Anoldo Jambo, da Fundação Cultural de Maceió, em 2001. Agradado com a Comenda Silvio Viana, pelo Governo do Estado de Alagoas, em 2010. Publicou em 2001 o livro *A cidade desfigurada: uma análise do romance Ninho de Cobras, de Léo Ivo*.

Vencedor do Festival da Palavra, organizado pela Secretaria de Gestão Pública, do Governo de Alagoas, em 2011 e 2012, com os contos *Tatuamunha e Felicidade?*, respectivamente. Participou do livro *Oito narrativas*, organizado pela escritora Vera Romariz, com o conto *Tatuamunha*. Tem ensaios de crítica literária publicados em várias revistas do País.

“O paraíso deve ser assim: descansar numa rede por toda a eternidade?” (Jorge Amado)

Marcio Ferreira da Silva. Não penso nem gostaria que fosse assim. Esperar um descanso eterno no paraíso deve ser muito chato e monótono. Um dia de sol, deitado em uma rede, de frente para o mar de São Miguel dos Milagres deve ser o paraíso, mas não por toda a eternidade. Isso parece nos dar uma incapacidade de fazer outras coisas. Depois dos meus 50 anos, não olho mais a vida da mesma maneira que quando tinha 20 ou 30. A meia-idade me deu mais vontade de fazer muito mais para o bem-estar da minha vida: cuidar mais da família; viajar; namorar. A vida não deve ser uma busca da eternidade, mas talvez fazer algo simples e significativo agora – sorrir, dizer: bom-dia –; algo que tenha um diferencial no espírito humano. O

“... poesia, a poesia é / [...] / é livre / como um rumo / nem desconfiado?” (Manoel de Barros)

Não se deve esperar nada da poesia, pois ela não pode, na verdade, sugar a impressão inefável que temos da vida. Para o poeta, a poesia é um turbilhão agonizante da imagem captada, que é capaz de torrencialmente provocar uma avalanche particular. Como afirma Manoel de Barros, não há – nem deve haver – uma armadura para a poesia; há, pois, um campo aberto em constante contato com os extremos. Drummond já nos ensina que não se deve exigir nada da poesia, porque ela “é livre”, mas há uma liberdade na contra-mão. Ou seja, em tempos de leitores moles, como lesmas, de poesia, ela nos ensina todos os dias que é preciso encontrar o avesso do poema, da estrofe, do verso, para entender o “rumo / nem desconfiado” da expressão constantemente transformada do mundo. Se a poesia fosse um caminho linear não haveria motivos para acalenta-la. Isso não é poesia. A capacidade de acalento se nutre no sentido daquilo que fazemos da vida. A vida é poesia. A poesia é um bilhete de passagem para a vida. Muitas vezes um retrato desbotado, amarelado, mas pura poesia-vida. Não adianta metaforizar a poesia, porque a metáfora já é poesia. Então, deve-se apenas curtir o poema; comer o poema; beber a poesia, pois, como afirma Jorge Cooper, “quando bebo / reapareço-me”.

“Muitas coisas li e poucas vivi.” (J.L. Borges)

Todo escritor cumpre uma sina. O escritor moderno abarca o mundo da tradição literária, sem ela não há como construir um mundo de mentiras e/ou verdades. Borges pode ter a vida nos livros, mas reconhece o quanto essa passagem o enobriu de escolhas certas ou erradas.

“Não se deve esperar nada da poesia, pois ela não pode, na verdade, sugar a impressão inefável que temos da vida. Para o poeta, a poesia é um turbilhão agonizante da imagem captada, que é capaz de torrencialmente provocar uma avalanche particular. Como afirma Manoel de Barros, não há – nem deve haver – uma armadura para a poesia; há, pois, um campo aberto em constante contato com os extremos. Drummond já nos ensina que não se deve exigir nada da poesia, porque ela “é livre”, mas há uma liberdade na contra-mão. Ou seja, em tempos de leitores moles, como lesmas, de poesia, ela nos ensina todos os dias que é preciso encontrar o avesso do poema, da estrofe, do verso para entender o ‘rumo / nem desconfiado’ da expressão constantemente transformada do mundo. Se a poesia fosse um caminho linear não haveria motivos para acalenta-la. Isso não é poesia. A capacidade de acalento se nutre no sentido daquilo que fazemos da vida. A vida é poesia. A poesia é um bilhete de passagem para a vida. Muitas vezes um retrato desbotado, amarelado, mas pura poesia-vida. Não adianta metaforizar a poesia, porque a metáfora já é poesia. Então, deve-se apenas curtir o poema; comer o poema; beber a poesia, pois, como afirma Jorge Cooper, ‘quando bebo / reapareço-me’”

PORQUE HOJE É SÁBADO. Arriete Vilela conversa com Marcio Ferreira da Silva, doutor em Letras-Literatura Brasileira e vencedor de diversos prêmios literários



ACERVO PESSOAL
“A leitura para o escritor é contemplação e êxtase, sem ela não há escritor, mas apenas um homem comum”

A leitura para o escritor é contemplação e êxtase, sem ela não há escritor, mas apenas um homem comum. Viver a leitura é o alimento. A criação artística é exigente para o escritor, que luta sozinho com seus monstros.

“A mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer?” (Mario Quintana)

Para a literatura, a mentira é uma necessidade ficcional. A metáfora quintaniana impõe um trocadilho da parte e do todo em que a mentira está para a verdade, assim como a verdade jamais será absoluta no mundo ficcional. A literatura cultua a mentira, nutre-se dela. No efeito artístico, o poeta toma a realidade a partir do falso, do impreciso, porque o real não é o todo verdadeiro, mas reinventado artisticamente. Aliás, Aristóteles, na Antiguidade, nos revela o processo mimético da arte; imitando, o poeta faz uma representação do mundo real. O escritor vê a realidade, mas a captação artística desse recurso se nutre da impressão que o artista faz do mundo. A maior aproximação dos aspectos verossímiles dominados pelo artista não o coloca fora da mentira; pelo contrário, aproxima-o cada vez mais dos elementos representados ficcionalmente, floreados de efeitos cada vez mais ricos da mentira. Des-

sa forma, a arte brinda a mentira, porque a verdade interessa ao historiador e não ao escritor.

“Pode-se perguntar sempre ‘por que’ e sempre continuar sem resposta?” (Clarice Lispector)

Não vamos responder todas as perguntas da nossa existência, porque não valeria a pena viver sem curiosidade. O ato de questionar faz-nos perceber, de certa forma, o sentido da vida. Não há – nem haverá – respostas prontas, senão para aqueles que desejam as respostas manipuladas. Clarice acredita na importância de sempre perguntar “por que”. O que somos? Para onde vamos? O questionamento é uma necessidade da consciência humana. Ativa a busca por um caminho, uma escolha, uma saída. Uma vez encontrada, a resposta apontará um novo questionamento. A pergunta não envelhece. Nós envelhecemos. Morremos. Mas o pensamento crítico que leva ao questionamento das coisas do mundo é sempre jovem, fresco, como uma manga madura. Na vida cotidiana e moderna, muitos não encontram tempo para fazer uma pergunta para si mesmo. No entanto, haverá um tempo em que a vida necessitará da pergunta, mesmo que ela nasça sem resposta. Macabeia, personagem do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, pergunta ao namorado, Olímpico, o que é cultura? Ele resmunga e diz que não está ali para responder pergunta difícil, mas para namorar...

“Todo texto é um intertexto?” (A. Bosi)

Sim. Os textos dialogam entre si. Na verdade, essa ideia vem do processo híbrido dos gêneros ou do pensamento dialógico de Bakhtin, que permite uma relação de intersecção entre os textos. Além do processo cognitivo para construção de um texto, há inevitavelmente um conhecimento interno do sujeito que escreve, pois é possível perceber um conhecimento prévio do escritor, adquirido, por exemplo, das diversas leituras feitas ao longo da vida. No mundo contemporâneo, esse diálogo bakhtiniano se aproxima com muita intensidade nos diversos tipos de textos.

“A preocupação é a memória do futuro?” (André Comte-Sponville)

Preocupar-se com as diversas ações humanas, legítimas ou ilegítimas, foram sempre uma ocorrência para o homem. A preocupação surge como uma demanda do mundo moderno. A violência hoje, por exemplo, nos faz pensar sempre no futuro, nos espaços de convivência, no trânsito entre ir e vir. ●